



## EXPOSITOR CAMINHO: UMA PROPOSTA DE MOBILIÁRIO URBANO PARA A FEIRA DE CARUARU

*EXHIBITOR CAMINHO: A PROPOSAL FOR URBAN FURNITURE FOR THE OPEN-AIR MARKET OF CARUARU*

**BISNETA, Adalgiza Cabral de Oliveira (1)**

**BARBOSA, Ana Carolina de Moraes Andrade (2)**

(1) Universidade Federal de Pernambuco, Doutora

e-mail: [anacarolina.barbosa@ufpe.br](mailto:anacarolina.barbosa@ufpe.br)

(2) Universidade Federal de Pernambuco, Graduanda

e-mail: [adalgiza.cabral@ufpe.br](mailto:adalgiza.cabral@ufpe.br)

### RESUMO

As feiras livres são organismos que carregam considerável carga cultural de uma cidade. Este artigo visa investigar, a partir da perspectiva do design, a Feira Livre do Parque 18 de Maio, em Caruaru, Pernambuco. Com auxílio das ferramentas metodológicas de Löbach (2001), entre outros autores, são mapeados os problemas encontrados no espaço. Como resultado, é desenvolvido um expositor para frutas e verduras que se propõe a atender as questões comerciais e também espaciais. Por fim, é reforçada a reflexão do design e seu poder de introduzir qualidade no uso e percepção dos lugares públicos.

**Palavras-chave:** Feira livre; Mobiliário urbano; Design.

### ABSTRACT

*Fairs are organisms that carry cultural loads of a city. This article aims to investigate, from a design perspective, the Feira Livre do Parque 18 de Maio, in Caruaru, Pernambuco. With the aid of the methodological tools of Löbach (2001), among other authors, the problems encountered in space are mapped. As a result, it is an exhibitor developed for fruits and vegetables that aims to meet commercial as well as spatial issues. Finally, design and its power of public quality in the use of perception and places are reinforced.*

**Keywords:** Open-air; market; Urban Furniture; Design.



## INTRODUÇÃO

A Feira de Caruaru, no agreste pernambucano, participa ativamente no desenvolvimento da cidade onde se localiza. O que antes era um povoado nas adjacências de uma pequena feira ganhou valor social, econômico e cultural. Tradição e costumes centenários são perpetuados por meio da comunicação entre os feirantes e compradores. Nesse aspecto, observa-se no presente artigo a relação social entre os indivíduos pertencentes ao local.

Este trabalho pretende, por meio de análises, relacionar o design à cidade através do estudo de caso da Feira de Caruaru sob a vertente do projeto de mobiliário urbano. Dentre os setores que constituem a Feira, este trabalho se dedica apenas à área de frutas e verduras.

Compreende-se a feira livre como um dos acontecimentos mais repletos de encontros que a cidade oferece. Nesse sentido, o entendimento da cidade é transdisciplinar, englobando questões pertencentes aos aspectos mais amplos do desenvolvimento das cidades, tais como história, cultura, arte, arquitetura, engenharia, etc. Aqui, a análise dedica-se aos estudos do design e sua relação com o urbanismo, mais especialmente à inserção de mobiliário urbano.

O termo mobiliário urbano é apresentado por diferentes autores e pela norma técnica ABNT NBR 9050 (2020), que o define como o conjunto de artefatos inseridos na cidade com o intuito de promover qualidade de vida e bem-estar para os habitantes.

A escolha do ambiente público se justifica pela pretensão de contribuir para o uso mais democrático da cidade através das ferramentas do design. A feira, além de um lugar de comercialização, é um local movido pela comunicação, feirante e consumidor estabelecem vínculos ao longo de seu entorno. Morais e Araújo (2006) afirmam que a feira antes de tudo é um espaço de mobilidades sociais e comerciais, através disso é estabelecida uma rede dinâmica de sociabilidades vivenciadas no espaço.

O desenvolvimento do estudo leva em consideração a paisagem urbana que diz respeito ao conjunto de elementos que constituem a cidade. Através da análise de elementos semelhantes, Cullen (1983) procura ordenar e categorizar a confusão visual da cidade. Com base nisso, o projeto em questão é apresentado a partir da análise da paisagem urbana da feira, que permite o conhecimento do problema. Em seguida, as demais etapas de geração, avaliação e realização são desenvolvidas como propõe Löbach (2001).



## DESENVOLVIMENTO

A concepção de design vai além da funcionalidade, inclui também o propósito de elaborar soluções criativas através da observação e compreensão do contexto, atentando-se a questões sociais e econômicas. Speck (2016) problematiza as visões que ignoram a interdisciplinaridade e reconhece a relevância dos generalistas, cujo horizonte de ideias é vasto.

Neste quesito, o pensamento metódico e focado no humano em que o design está inserido, associado ao planejamento da cidade, pode resultar em espaços públicos mais agradáveis, eficientes e gentis. De acordo com Gehl (2010), a experiência urbana é iniciada com a ação do caminhar, que implica muito mais do que o simples andar ou se locomover de um ponto a outro. A situação de encontro que a caminhada possibilita está diretamente ligada à imersão no espaço. Na feira é necessário caminhar entre as bancas para encontrar o que se procura, essa comunicação entre visitantes e comerciantes é o ponto chave da experiência. Gehl (2010) pontua que o espaço público atua como plataforma desses encontros.

Para apreender estes fatores são estudados os conceitos de análise espacial e a relação entre a configuração do ambiente e o indivíduo, simulados através do observador treinado, em movimento. Dessa forma, o público-alvo em questão são os habitantes ou visitantes que utilizam a feira, dentro da compreensão que eles possuem dimensões, velocidades e percepções diferentes quando estão atuando em diferentes papéis. Esta perspectiva apoia-se nos argumentos de Speck (2016) sobre a caminhabilidade e seu poder de atrair o pedestre ao uso sustentável e agradável dos espaços públicos da cidade.

Neste contexto, para nortear o estudo é utilizada a metodologia proposta por Barbosa (2020, p. 45), dentro da abordagem que autora denomina de Design na Cidade: “[...] um conjunto de ferramentas que resulta em uma proposta de análise visual da cidade a partir de uma escala que inclui o mobiliário como parte integrante da paisagem urbana”.

### 2.1 Metodologia

O procedimento de observação e desenvolvimento criativo é visto como um processo em constante movimento que busca a construção de contextos diversificados e não a solução de problemas. Um método composto por subprocessos que, quando utilizados em conjunto, norteiam a pesquisa e promovem soluções através de processos empáticos.



Dessa forma, para apresentar o processo de design abordado neste estudo, foram utilizadas as metodologias de desenvolvimento de produto proposta por Löbach (2001). Na Figura 1, a seguir, os argumentos apresentados anteriormente sobre a abordagem do Design na Cidade são dispostos nas ferramentas propostas por Barbosa (2020), alinhadas às quatro fases descritas por Löbach (2001): Preparação, Geração, Avaliação e Realização.

<i>Processo Criativo</i>	<i>Processo de solução do problema</i>	<i>Processo de design (desenvolvimento do produto)</i>
1. Fase de preparação	<b>Análise do problema</b> Conhecimento do problema Coleta de informações Análise das informações  Definição do problema, clarificação do problema, definição de objetivos	<b>Análise do problema de design</b> Análise da necessidade Análise da relação social (homem-produto) Análise da relação com ambiente (produto-ambiente) Desenvolvimento histórico Análise do mercado Análise da função (funções práticas) Análise estrutural (estrutura de construção) Análise da configuração (funções estéticas) Análise de materiais e processos de fabricação Patentes, legislação e normas Análise de sistema de produtos (produto-produto) Distribuição, montagem, serviço a clientes, manutenção Descrição das características do novo produto Exigências para com o novo produto
2. Fase da geração	<b>Alternativas do problema</b> Escolha dos métodos de solucionar problemas, Produção de idéias, geração de alternativas	<b>Alternativas de design</b> Conceitos do design Alterantivas de solução Esboços de idéias Modelos
3. Fase da avaliação	<b>Avaliação das alternativas do problema</b> Exame das alternativas, processo de seleção, Processo de avaliação	<b>Avaliação das alterantivas de design</b> Escolha da melhor solução Incorporação das características ao novo produto
4. Fase de realização	<b>Realização da solução do problema</b> Realização da solução do problema, Nova avaliação da solução	<b>Solução de design</b> Projeto mecânico Projeto estrutural Configuração dos detalhes (raios, elementos de manejo etc.) Desenvolvimento de modelos Desenhos técnicos, desenhos de representação Documentação do projeto, relatórios

**Figura 1** - Etapas de um projeto de design

Fonte: Löbach, (2001, p. 142).

O Quadro 1 apresenta o percurso percorrido para o desenvolvimento dos produtos focados no espaço urbano. O processo de design aqui é abordado de forma ampla e interdisciplinar, com a inserção no contexto urbano e de forma espacial.

<b>Processo criativo</b>	<b>Processo de solução</b>	<b>Processo de design</b>



<b>1. Fase de preparação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Contextualização do problema. Imersão no contexto do problema através da "visão serial" de Cullen (1983) e da "deriva" do Grupo Internacional Situacionistas; Definição do problema, requisitos do problema.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Análise espacial Análise de paisagem urbana Temporalidade; Aspectos socioculturais; Mapa da empatia.</li> </ul>
<b>2. Fase de geração</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Geração de alternativas do problema Definição do direcionamento da solução considerando o contexto empático mapeado; Produção de ideias base nos dados levantados; Geração de alternativas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ideação Técnicas de criatividade como <i>moodboards</i> de estudo dos habitantes e visitantes do espaço e análise de similares, esboços e painéis criativos.</li> </ul>
<b>3. Fase de avaliação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliação das alternativas Seleção da alternativa; Análise da alternativa; Avaliação da alternativa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Evolução da forma Seleção da solução; Refinamento da alternativa, implemento de novas características, modelos físicos de avaliação funcional, inclusive para teste de implantação no espaço.</li> </ul>
<b>4. Fase de realização</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Materialização da alternativa Aperfeiçoamento da alternativa; Detalhamentos e especificações técnicas; Prototipagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Detalhamento Desenhos técnicos, implementação de sistemas, especificação de materiais, cor e acabamento, processos de fabricação, protótipos.</li> </ul>

**Quadro 1** - Etapas de projeto de design que relaciona as propostas metodológicas de Löbach e incluem ferramentas de demais autores descritas por Barbosa (2020) para apreensão do meio urbano

Fonte: A autora (2022).

Na primeira fase, a de preparação, Barbosa (2020) propõe a análise espacial como forma de apreensão da cidade e, entre outros autores, se apoia em Guedes (2005).

### 2.1.1 Análise Espacial

Segundo Barbosa (2020), a análise espacial é o estudo das qualidades reconhecíveis da paisagem urbana, obtidas a partir da experiência do observador em movimento e inserido no meio urbano. De acordo com Cullen (1983), trata-se de observar e analisar os trechos formados por cada ponto de percepção possível dentro da cidade. O autor afirma ainda que a paisagem urbana é o conjunto dos elementos físicos inseridos na cidade.



A visão serial de Cullen (1983) se caracteriza como a imersão do pedestre no meio urbano através do deslocamento, a cidade é composta pela experiência proporcionada por cada trecho da paisagem visualizada pelo observador em movimento. Esse aspecto imposto por Cullen é base para o processo da análise espacial, que é justamente a imersão e a caminhada proporcionada pelo ambiente.

Este artigo propõe-se a abordar um conjunto de ferramentas para execução da leitura da forma urbana, de forma que a escala humana seja o ponto referencial da análise espacial. Inicia-se pela compreensão do termo mobiliário urbano de maneira contextual como elemento que compõe o ambiente.

### 2.1.2 Mobiliário Urbano

O mobiliário urbano é integrante da paisagem, ele é avaliado em função do impacto que tem sobre a mesma. Como ferramenta de registro foram fotografadas as paisagens formadas pelo percurso do observador em movimento. Os elementos presentes na cidade fazem parte da vida cotidiana das pessoas, de uso privado ou público e de forma coletiva, como colocam Serra e Creus (1996).

O termo mobiliário urbano é utilizado para definir artefatos que estão presentes na malha urbana. Esses artefatos também podem ser denominados como equipamento urbano, isso depende do ponto de vista do autor, assim como quesitos de classificação atribuídos. De uso coletivo e interesse público, o mobiliário é elementar na paisagem urbana. São itens projetados para contribuir com a qualidade de vida, afirma Mourthé (1998).

As normas e leis brasileiras apresentam mobiliário urbano como um conjunto de objetos presentes nas vias e espaços públicos que fazem parte da urbanização da cidade. O Decreto nº 5.296/04 e a NBR 9050 (2020) compartilham a mesma definição: “mobiliário urbano é o conjunto de objetos existentes nas vias e nos espaços públicos, superpostos ou adicionados aos elementos de urbanização ou de edificação, de forma que sua modificação ou seu traslado não provoque alterações substanciais nesses elementos.” (NBR 9050, 2020, p. 5).

Considerando o levantamento abordado acima, em especial as presentes normas determinadas pela ABNT, o presente estudo adota o termo “mobiliário urbano” para determinar os artefatos de complementação da paisagem urbana. Termo utilizado para definir qualquer



mobiliário ou elemento de qualquer dimensão inserido em qualquer contexto urbano e que contribui de forma direta ou indireta na qualidade de vida dos usuários.

### 2.1.3 Temporalidade

A temporalidade se encaixa como uma das etapas pertencentes ao método de análise espacial, conforme propõe Guedes (2005). Ela tem o intuito específico de analisar o espaço urbano no decorrer de períodos de tempo, submetido às variações climáticas ou outras transformações ocasionadas por eventos sociais. Dessa forma, é possível que o observador analise a paisagem em diferentes intervalos de tempo sem necessariamente se locomover.

As mudanças perceptíveis podem ser analisadas em períodos de tempo diferentes a depender do espaço. Guedes (2005) propõe três diferentes períodos temporais nos quais podem ser organizadas as análises: períodos curtos, médios e longos. A temporalidade aparece de forma cronológica dentro da análise, isso levando em consideração as mudanças ocorridas nos espaços ao decorrer dos intervalos de tempo determinados.

### 2.1.4 Funções e características sociais

Nessa etapa, observa-se as finalidades sociais, quais as funções atribuídas e como setorizar o meio urbano a partir da observação de seus usos. Como o espaço foi projetado e como realmente é utilizado e como é causada a interferência vernacular pelos usuários.

Algo intrínseco à natureza humana é a necessidade de personalizar seus bens. Trazer características agradáveis através da atribuição de qualidades pessoais ao objeto, ou lugar. O mesmo ocorre na personalização da cidade, segundo Lynch (apud. Barbosa, 2020), a legibilidade da cidade está totalmente ligada à personalização do espaço, os elementos atuam como principal via de formação da identidade urbana de uma cidade ou parte dela.

Para Smith (1999), a personalização do lugar acontece devido a dois fatores, ou para melhorar a natureza prática de uma instalação ou para mudar a imagem de um local. O autor declara ainda que a personalização deve ser incentivada porque as pessoas desenvolvem relação autêntica com lugares em que se sentem à vontade.



### 2.1.5 Mapa da Empatia

A propósito, a análise da empatia busca discutir e solucionar os problemas através da avaliação histórica e surge como uma síntese da Fase de Preparação proposta por Löbach (2001). Brown (2010) define empatia como o processo mental de imersão na vida de outras pessoas, o modo de ver o mundo pelo olhar do outro, para entender os comportamentos, por vezes inexplicáveis, que estão relacionados com o jeito de lidar com o mundo à sua volta.

Nesta etapa, é analisada de forma empática a atmosfera do ambiente e estabelecido o problema que será abordado para o desenvolvimento do projeto. Ratificando que, quando se tem a cidade como objeto de estudo, mesmo que projetual, a escolha do tipo de intervenção, ou seja, do mobiliário urbano a ser projetado não pode ser definido antes de toda fase de preparação, que neste caso trata-se da análise espacial e do mapa da empatia.

### 2.1.6 Ideação

A ideação proposta por Baxter (1998) é quando de fato ocorre o processo criativo, a mente vai de uma ideia a outra até que são propostas alternativas para a solução do problema. Esta fase se apoia em técnicas de criatividade como os painéis semânticos direcionados ao público alvo, a aspectos culturais, a idade e o gênero, a análise paramétrica e *moodboards* criativos que reúnem os materiais, as formas e as cores que serão utilizadas.

As análises estabelecidas nos procedimentos anteriores se refletem no processo criativo e no caminho seguido para desenvolver as alternativas de solução. As ideias iniciais evoluem para a configuração de alternativas concretas, com base nos quesitos estipulados, para dar seguimento com a etapa de avaliação das propostas, tal como afirma Baxter (1998). A finalidade da geração de ideias é produzir todas as possíveis soluções e escolher a melhor.

### 2.1.7 Detalhamento

Na fase final, a materialização da alternativa escolhida é alcançada. Löbach (2001) caracteriza esta fase como a apresentação da alternativa na forma de produto industrial que, após longas etapas, está pronto para especificações. Baxter (1998) ainda acrescenta que conforme o processo vai evoluindo são vistas novas possibilidades de aspectos específicos do projeto. A autenticidade do projeto é posta em prática através da modelagem 3D ou física.



## 2.2 Aplicação do método

Neste segmento, serão expostos os pontos analisados no decorrer da aplicação do método embasado anteriormente. A visão serial proposta por Cullen (1983) é o início do conhecimento do problema. Dessa forma, segue a observação dos trechos pertinentes à paisagem da Feira de Caruaru no setor de frutas e verduras no Parque 18 de Maio.

### 2.2.1 Análise espacial

Como indica Cullen (1983), o observador terá uma experiência diferente a cada trecho percorrido, vivenciando emoções diversas na trajetória. A seguir serão expostos os trechos e as análises relativas a cada um, de acordo com a metodologia utilizada. A imersão na paisagem urbana é realizada na Feira de Caruaru, no setor de frutas e verduras no Parque 18 de Maio.

A seguir encontra-se a análise feita em três trechos específicos do caminho percorrido. Como mencionado no capítulo anterior, o ponto de vista é o do observador durante sua ação cotidiana na feira. Neste processo foi feita a marcação visual no mobiliário distribuído ao longo das paisagens, com o intuito de analisar o impacto do produto no espaço.



**Figura 2 – Trechos analisados**

Fonte: A autora (2022).



No Trecho 1 e Trecho 2 percebe-se que o chão sofre com irregularidades desde o início do percurso. Apesar das bancas em alvenaria, os produtos comercializados são dispostos em expositores improvisados fora da delimitação física da banca. Os expositores invadem a faixa livre de circulação, causando interferência no fluxo de pessoas em horário de pico, além da falta de acessibilidade. Araújo e Morais (2006, p. 247), reforçam que “Os mercados livres, dominados pelo setor informal e terciário, apresentam elementos rústicos e técnicas tradicionais de exposição e venda”. A disposição dos produtos além das delimitações das barracas demonstra a intenção do feirante de estreitar o contato direto com o cliente. As coberturas não exercem sua tarefa de forma eficaz, especialmente em tempos chuvosos, pois a distribuição desigual e o improviso ocasionam falhas na trajetória.

Por fim, a análise do Trecho 3 pode ser vista na Figura 2. A quantidade de expositores dispostos diminui no final da rua proporcionando mais espaço na faixa livre, e pode-se observar a presença de vendedores ambulantes. Em alguns trechos da trajetória nota-se até quatro camadas diferentes de coberturas produzidas com materiais diversos, o excesso desse elemento não impede que as causas naturais prejudiquem em certo grau a experiência na feira.

Sobre a faixa livre, de acordo com o Decreto nº 5.296/04, se classifica como barreiras todo obstáculo que limite o livre passeio do caminhante durante o percurso de qualquer espaço no meio público, denomina como “[...] qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação [...]” (BRASIL, 2004)

Através das imagens apresentadas nota-se que os expositores colocados no exterior das bancas ocupam a faixa livre das pessoas que ali transitam, causando a obstrução dos espaços de circulação. Nota-se que os expositores se colocados fora das bancas para captar a atenção dos compradores que observam os produtos comercializados, atuando ainda como meio para estabelecer a comunicação entre feirantes e compradores.

### 2.2.2 Mobiliário Urbano

Nas imagens subsequentes observa-se o mobiliário encontrado nos trechos analisados acima. A predominância de expositores na faixa livre é recorrente em todo percurso, assim como as coberturas improvisadas e as irregularidades do chão.

A maior parte do mobiliário presente é de natureza vernacular. Dentre os itens notados incluem-se expositores improvisados envolvendo caixotes plásticos e/ou de madeira, utilizados



no transporte dos produtos, balaios de palha ou outro material e até carrinhos de mão dispostos para a comodidade dos vendedores ambulantes que transitam entre o espaço.



**Figura 3 - Expositores improvisados**

Fonte: A autora (2022).

As coberturas não seguem nenhuma padronização, de vários formatos, materiais, e disposições muitas vezes aleatórias, tornam-se um emaranhado de camadas. Luminárias vernaculares são implantadas sob as coberturas.



**Figura 4 - Coberturas improvisadas**

Fonte: A autora, 2022.

### 2.2.3 Temporalidade

Dando sequência ao estudo, a temporalidade foi observada em períodos curtos de tempo. O dia de funcionamento oficial da feira é durante o sábado, mas há quem esteja comercializando desde antes. O fluxo intenso de pessoas se dá no período matutino quando as mercadorias ainda estão frescas, o movimento vai decaindo ao decorrer do dia até o final do expediente.



**Figura 5 - Fluxo de pedestres**

Fonte: A autora, 2022.

#### 2.2.4 Funções e características sociais

Nessa etapa foram analisados os aspectos pertinentes à funcionalidade do espaço de acordo com as funções, setorização e interferência vernacular pelos feirantes. No que diz respeito às funções, pode-se observar que todo o caminho percorrido é focado na venda de produtos referentes aos hortifrutis. Não há padronização quanto à setorização das bancas, todas vendem produtos variados abrangendo frutas e verduras.

Como já destacado durante as análises anteriores, a interferência vernacular feita pelos feirantes está por todos os lados, nas bancas, nos expositores improvisados e nas coberturas. As tentativas de personalização através de interferências vernaculares no ambiente é predominante, todas as bancas apresentam algum tipo de personalização, com intuito de otimizar ou consolidar seu espaço na feira.

Quanto às funções dos espaços, conclui-se que as faixas que deveriam ser dedicadas à circulação dos pedestres funcionam também como pontos de venda e que os ambientes construídos para venda são subutilizados. Isso ocorre porque as paredes que delimitam os espaços funcionam como barreiras físicas e visuais entre os comerciantes e clientes, já que não permitem a exposição das frutas e verduras.

#### 2.2.5 Mapa da Empatia

No que diz respeito à empatia foram analisados os aspectos anteriormente observados e a influência deles ao meio. É apresentado em seguida o mapa da problemática e os problemas identificados a partir dele.



**Figura 6 - Mapa da problemática**

Fonte: A autora, 2022.

Os tópicos apresentados na figura 6 foram destrinchados em problemas que interferem no meio, como segue no quadro 2.

Categorias	Problemas Identificados
Sinalização	Ausência de placas de sinalização; ausência de indicadores sobre a localização entre as feiras e locais de encontro.
Iluminação	Postes de iluminação pública para iluminação das ruas são altos e não são eficazes já que as coberturas cobrem toda a parte aérea; presença de luminárias vernaculares espalhadas entre as bancas para iluminação da mercadoria.
Limpeza	Chão sujo devido às sobras dos alimentos comercializados; ausência de lixeiros distribuídos para auxiliar na manutenção da limpeza; nas bancas, ausência de lixeiros adequados para cada resíduo e ausência de pia.
Coberturas	Estruturas com lonas improvisadas, amarradas com barbante ou corda, telhas de fibrocimento ondulado ou alumínio, guarda-sóis fixados em caixotes, mesas ou no chão; não estão presentes em todas as bancas.
Bancas	Não há circulação interna de pedestres no interior das bancas, todo o processo de compra é feito na área externa da banca; a estrutura das bancas varia entre alvenaria, madeira e armações de ferro; algumas são improvisadas com madeira e caixotes entre as passagens dos pedestres, e até vendedores comercializando frutas e verduras em carrinhos de mão.



Expositores	Grande parte está posicionando externamente às bancas, logo em frente; caixotes de plástico para transporte das mercadorias são comumente utilizados como base para os expositores; balaios de palha, bancas de madeira, caixotes de plástico e madeira e sacos plásticos, todos funcionam como expositores improvisados.
Acessibilidade	Caminho com piso irregular; caminho estreito devido à disposição desordenada de expositores improvisados que ocupam a faixa de passeio.
Repouso	Ausência de assentos ou qualquer outro mobiliário que sirva para repouso.
Setorização	Os produtos são comercializados misturados entre as bancas.

**Quadro 2 - Problemas identificados**

Fonte: A autora, 2022

Observa-se que as bancas em alvenaria e madeira promovem o movimento de exposição fora das barreiras físicas das bancas, onde ocorre o comércio. Os feirantes utilizam o interior das bancas apenas para armazenamento. Os feirantes não permanecem dentro das bancas, eles buscam o contato direto com os consumidores, o que justifica o movimento de exposição externa dos produtos comercializados. Foi notado que o intuito é viabilizar a troca entre feirante e cliente ou possíveis clientes, fortalecendo o comércio. Esse aspecto que foi determinante para o recorte do projeto.

Diante do mapa da empatia, definiu-se que a exposição das frutas e verduras como foco de atuação deste trabalho. Além desta, outra resolução determinante foi a verificação do mal uso das áreas construídas e, com isso, a obstrução da faixa livre. Percebeu-se a preferência por expor os produtos à vista na passagem das pessoas. Nesse aspecto, leva-se em consideração a multifuncionalidade dos expositores de expor e delimitar as bancas, compondo a frente de loja.

#### 2.2.6 Ideação

A seguir é possível se observar o processo criativo percorrido até a alternativa final do item requisitado. Para isso, listaram-se alguns dos parâmetros que guiaram a geração de alternativas: formato que facilite a disposição dos expositores dentro e fora das bancas; modularidade com intuito de proporcionar a personalização pelo feirante; proporcionar armazenamento e exposição de produtos; possibilitar a comunicação clara entre feirante e



cliente; balcão que viabilize a movimentação de dinheiro e mercadoria e que sirva como suporte.

O público que transita semanalmente na feira é amplo, mas predominantemente composto por adultos e idosos de todos os gêneros e sexos, pertencente a classes sociais de baixa e média renda, e famílias. Apesar das distintas feiras nos bairros da cidade de Caruaru, a feira livre do Parque 18 de Maio abrange toda a cidade independente do bairro. Na figura 8 é apresentado o *moodboard* de público-alvo e semelhantes do expositor. Os pontos observados foram: disposição espacial, locomoção, modularidade e função.



**Figura 7 – Moodboards de público-alvo e semelhantes**

Fonte: A autora, 2022.

Dando continuidade à análise de semelhantes, foram analisados três mercados ao redor do mundo: Mercado Municipal de Tomiño, Mercado Municipal de Vila Nova de Famalicão e Mercado Municipal de São Paulo. Observou-se como a disposição dos expositores é feita e como a troca entre o feirante e consumidor é estabelecida, já que o expositor não é trabalhado de forma isolada.

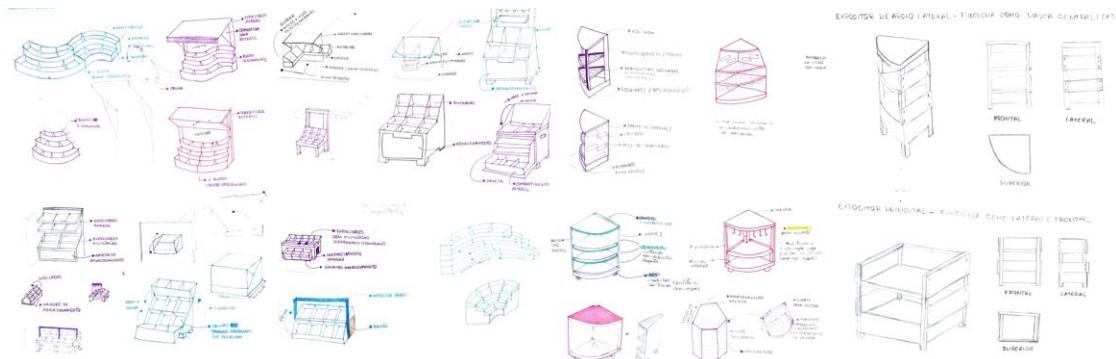


**Figura 8- Análise de semelhantes expositores de mercados**

Fonte: A autora, 2022



A análise paramétrica foi estruturada segundo os princípios estabelecidos por Baxter (1998) e Pazmino (2015), foram analisados diferentes modelos de expositores existentes no mercado. Os tópicos analisados em relação aos expositores foram: marca, modelo, descrição, processo, variedade, dimensões, material, resistência e modularidade. Essa análise foi determinante para guiar o desenvolvimento do projeto. Abaixo seguem as alternativas geradas, levando em consideração toda a análise feita.



**Figura 9** - Geração de alternativas

Fonte: A autora, 2022

Logo após a geração de alternativas, que é possível de se observar na figura 9, optou-se pela execução de teste de forma. O intuito do estudo de forma foi estabelecer qual a forma mais adequada para o desenvolvimento dos expositores. Os aspectos citados acima, assim como o teste de disposição espacial (figura 10), foram fundamentais na definição do formato a ser seguido. Inicialmente, o desenvolvimento do expositor seria focado apenas em uma forma para o módulo, mas foi percebido através da análise espacial e volumétrica a necessidade do desenvolvimento de mais um componente de módulo.



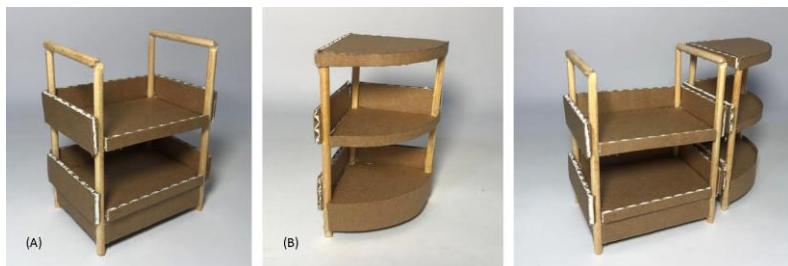
**Figura 10** - Teste de forma e disposição espacial

Fonte: A autora, 2022



Diante todos os aspectos observados na geração de alternativas, em testes anteriores e nas necessidades do local, foi estabelecida a criação de dois módulos com geometrias diferentes que possibilitam a personalização de acordo com o espaço onde será disposto, como o feirante desejar.

A proposta segue as características estabelecidas no início do tópico. A simplicidade da forma e modularidade foram os aspectos definitivos para a elaboração da alternativa. O expositor conta com dois níveis de compartimento para a disposição dos produtos comercializados. Para o teste de forma da alternativa escolhida foi utilizada a escala 1:10, os materiais utilizados foram papelão e palitos de bambu, como pode-se observar na figura 11.



**Figura 11 – Teste de forma da alternativa escolhida**

Fonte: A autora, 2022

### 2.2.7 Detalhamento

O expositor recebeu o nome de “Caminho” e é formado por dois módulos distintos: módulo tracejo e módulo quadrante. A proposta final apresentada proporciona a exposição externa dos produtos comercializados sem invasão na faixa livre, possibilitando a circulação segura das pessoas, além de viabilizar a comunicação entre feirante e consumidor.

Abaixo são apresentados os modelos 3D dos expositores e o funcionamento da distribuição dos módulos estabelecidos. Como pode-se observar na Figura 12, o módulo tracejo (A) segue a orientação de distribuição contínua em linha reta, composto por dois níveis de exposição, possibilitando a exposição do produto em contato direto com base ou disposição de caixotes sobre a estrutura da base. O módulo quadrante (B) em forma de disposição circular é trabalhado a partir de um quadrante. Apresenta dois níveis de exposição para os produtos comercializados e um balcão que pode ser utilizado para movimentação de dinheiro, suporte para balança ou como balcão de corte.



**Figura 12 -** Modelo 3D dos módulos do Expositor Caminho

Fonte: A autora, 2022

A disposição do expositor pode ser trabalhada de diversas formas, indo de acordo com a necessidade do ambiente. O feirante é livre para personalizar a distribuição dos módulos.



**Figura 13 -** Possibilidades de composição do Expositor Caminho

Fonte: A autora, 2022

Foram levados em consideração materiais que ofereçam tanto a resistência para um mobiliário urbano como a redução do custo no processo produtivo. Optou-se pela utilização do aço galvanizado por este apresentar maior resistência à corrosão, durabilidade e fácil higienização e do compensado naval de Sumaúma, que é mais resistente às intempéries.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de otimizar a experiência que as feiras livres proporcionam aos que nela estão inseridos ou de passagem. Os valores culturais, tradicionais e históricos das feiras livres foram o aspecto norteador para o desenvolvimento do projeto.

Os estudos sobre a paisagem urbana (CULLEN, 1983) e a caminhabilidade (SPECK, 2016; GEHL, 2010) foram fundamentais para o entendimento da atmosfera pública que a Feira do Parque 18 de Maio detém. Relacionar o design à cidade e à feira através desses autores proporcionou a percepção de aspectos específicos do entorno que culminaram na real apreensão do espaço e conhecimento de seus respectivos problemas, bem como na definição do recorte do projeto, que enfocou os expositores.



Como resultado de todo o processo foi elaborado um expositor modular que se adequa às diversas situações presentes no setor de frutas e verduras da Feira de Caruaru. Através do projeto, propõe-se a viabilização da troca entre feirante e consumidor e o passeio agradável ao caminhar pela feira.

Este artigo visa contribuir para a configuração ou reordenamento dos espaços públicos através do mobiliário urbano ou do contexto analisado na problemática dos estudos executados. Para os futuros desdobramentos do estudo pode-se considerar o desenvolvimento de pesquisas relacionando o papel do design nas cidades, na funcionalidade dos espaços públicos e nas feiras livres.

## REFERÊNCIAS

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: 2020. Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.** 2020.

BARBOSA, Ana Carolina de Moraes Andrade. **Imagen, paisagem e situação: uma apreensão do design na cidade.** 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

BAXTER, Mike. **Projeto de Produto.** São Paulo: Blucher, 1998.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Dossiê de Registro da Feira de Caruaru como Patrimônio Imaterial brasileiro.** Brasília: IPHAN/Departamento do Patrimônio Imaterial, 2006.

\_\_\_\_\_ Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2 de dezembro de 2004.

BROWN, Tim. **Design Thinking: uma metodologia poderosa paracretar o fim das velhas ideias.** Rio de Janeiro. Elsevier, 2010.

CREUS, Màrius Quintana. **Espacios, muebles y elementos urbanos.** In: SERRA, Josep. Elementos urbanos, mobiliário y microarquitectura. Barcelona: Gustavo Gili, p.6-14, 1996.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana.** Lisboa. Edições 70, 1983.



GEHL, Jan. **Cidade para pessoas.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GUEDES, João Batista. **Design no Urbano. Metodologia de análise visual de equipamentos no meio urbano.** Tese de Doutorado. Recife, novembro de 2005. Disponível em: <[https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/3115/1/arquivo5409\\_1.pdf](https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/3115/1/arquivo5409_1.pdf)> Acesso em: 17 de jan. 2022.

LÖBACH, Bernd. **Design industrial: Bases para a configuração dos produtos industriais.** 1 ed. São Paulo: Blucher, 2001.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. **Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN).** Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15406/8704>> Acesso em: 10 de out. 2021.

MOURTHÉ, Claudia Rocha. **Mobiliário Urbano.** Rio de Janeiro. 2AB. 1998.

PAZMINO, Ana Veronica. **Como se cria: 40 métodos para design de produto.** São Paulo: Blucher, 2015.

SMITH, Bentley Alcock Murrain McGlynn. Entornos Vitales. Espanha: Editorial Gustavo Gilli, 1999.

SPECK, Jeff. **Cidades Caminháveis.** 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.